



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6890 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

A MULHER MODERNA EM PÁSSARO TONTO (1934), DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Gabrielle Carla Mondego Pacheco Pinto - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A MULHER MODERNA EM *PÁSSARO TONTO* (1934), DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Neste trabalho observaremos aspectos do conceito de *mulher moderna*, presentes em *Pássaro tonto*, último romance da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida, publicado em 1934. O romance, ambientado na Paris da década de 1920, desdobra sua narrativa em torno da figura de Lalita, a protagonista. Considerada obra de menor prestígio entre os demais romances publicados da escritora, *Pássaro tonto*, contudo, aborda temáticas relativas à cultura do corpo, aos comportamentos, à sexualidade, ao estrangeirismo e à modernidade, aspectos relevantes quando pensamos nas imagens da mulher na Primeira República.

Este estudo faz referência a um recorte da pesquisa de doutorado em andamento no campo da História da Educação e, neste sentido, os esforços para a sua confecção debruçam-se no entrecruzamento de literatura e educação; enquanto campos do saber e enquanto óticas para a investigação do objeto – a mulher moderna – por meio do livro *Pássaro tonto*. Preconizamos aqui a projeção da literatura como uma *fonte fecunda*, proposta por Ferreira (2015): “(...) toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias e desejos” (p.67). Ademais, tomar um romance - cujo tempo e espaço são elementos intrínsecos à elaboração - como fonte histórica pode dizer mais sobre as representações coletivas do período recortado. (Chartier, 2009).

Pássaro tonto narra a história de Lalita, jovem rica e mimada, filha de Jaime Negrão, banqueiro da capital, e Maria Antônia. Sobre a mãe e o irmão, Armando, pouco se observa. Lalita cultiva um flerte com Lindolfo, um rapaz humilde. Por receio de “uma atmosfera política contrária às suas opiniões e seus interesses” (Almeida, 2013, p.27), Jaime Negrão embarca com a família para a Europa, em busca de refúgio. Lalita é enviada para Paris acompanhada de D. Márcia, a governanta. Lá, vive uma vida de futilidades e paixões. No final da trama, vê no casamento uma alternativa para seu descontentamento amoroso.

Na contramão da ficção romântica da qual Júlia Lopes de Almeida solidificou boa parte de sua carreira como escritora, *Pássaro tonto* foge da fórmula sublinhada por Tinhorão (1994) como base para a produção do romance: enredos em torno de um trio de personagens típicos - a vítima, o vilão e o herói ou vingador; a trama que se desenrola com a ação do herói que salva a vítima e aniquila o vilão. O antagonismo herói x vilão é, ainda segundo o autor,

trivial nos enredos românticos, mas não em *Pássaro tonto*. Lalita não é vítima, vilã ou heroína. A abordagem de temas incomuns na literatura romântica da época fazem da obra um romance crítico – aos costumes, aos comportamentos, aos movimentos literários, à política, à *mulher moderna* sem apresentar, entretanto, o clássico embate entre o *bem e o mal*.

Lalita é retratada como uma espécie de *flâneur*. Descrita como “risonha e tagarela, animava o ambiente misturando na correnteza do palavreado coisas fúteis com outras que nem [se] suspeitava a gravidade” (Almeida, 2013, p.30), Lalita parece não percorrer o caminho típico da evolução alcançado por outras personagens de Júlia Lopes de Almeida – não há epifania que a leve à inflexão e à mudança; Lalita circula entre o deslumbre, o encantamento pelo moderno e a subjetividade.

O que a torna personagem única na obra de Júlia Lopes de Almeida é seu afastamento da noção de mulher educada e dedicada à família, inspirada por ideais de emancipação feminina, disposta a transgredir. “Docilidade, meiguice, serenidade e resignação”, virtudes apontadas por Arend (2013, p.71) como essenciais para a formação de meninas e moças, também não eram as de Lalita. Diversamente, é influenciada pelos “valores do liberalismo, como o individualismo, na vida feminina” (Magaldi, 2008, p.120), o que justifica boa parte de suas ações: “ (...) Já se foi o tempo em que as mães podiam impor às filhas a sua vontade ou mesmo a sua simples opinião...Hoje são as meninas que decidem e que ordenam.” (Almeida, 2013, p.37).

Outro aspecto atípico da protagonista é a visão negativa do estrangeirismo. Júlia Lopes de Almeida consolidou sua carreira como escritora da *Belle Époque tropical*, período de entusiasmo com as influências europeias na moda e nos comportamentos; a educação como pressuposto para a modernização do país, as perspectivas higienistas; o culto ao nacional. A combinação destes elementos ofereceu à sua obra cenário para a elaboração de narrativas que valoravam o Brasil enquanto nação e que promoviam a educação e emancipação femininas como fomento para o progresso do país. Ao saber que a viagem inesperada da família se trata de uma temporada na Europa, Lalita retruca: “- (...) A Europa não me interessa. Acho até revoltante essa mania de todos os brasileiros de quererem ir a Paris mesmo à custa de todos os sacrifícios, como isso lhes mudasse o rumo de vida. (Almeida, 2013, p.75).

A sexualidade feminina também é destacada em *Pássaro tonto*. Lalita demonstra-se, por vezes, confortável com a exposição de seu corpo, contrária às donzelas, puras e recatadas. Lalita compreende os limites do próprio corpo e pretende mostrar-se, sempre que possível, e não hesita usar roupas que marquem suas formas, mesmo se repreendida pela governanta: “Isso é indecente. É o mesmo que estar nua...”. Adiante, defende o liberalismo e tomada do próprio corpo pela mulher: “Estamos felizmente livres dos tempos em que as mulheres iam para os banhos de mar com calça de baeta até os tornozelos. Que horror!” (Almeida, 2013, p.123).

Por fim, o ideal de modernidade é abordado pela personagem em seu discurso sobre liberdade: “(...) estou resolvida a gozar de todas as prerrogativas da minha mocidade e passar, daqui em diante, a viver amplamente, como vivem os homens! O amor livre, o amor a grandes haustos, que delícia” (p.163-164). Lalita insere-se no grupo apontado por Facchinetti e Carvalho (2019) como “*modernistas*, identificadas por sua excentricidade à norma, mas ainda assim presentes como possibilidade no horizonte da mulher moderna.” (n.p), quando as mulheres buscavam construir suas identidades e “construíam redes que lhes permitiam versarem e negociarem novas subjetividades.” (n.p).

Posto isto, a figura inusitada de Lalita, a quem Júlia Lopes atribuiu futilidade, inconstância e efemeridade, distancia-se da projeção da imagem da *mulher moderna*, educada para educar, trabalhar e compor o projeto pedagógico e médico- higienista que conformava o país à época.

A personagem, apogeu do *liberalismo feminino*, desloca-se destes eixos de ação feminina na Primeira República e difere-se em comportamentos, ideais e relacionamentos, estabelecendo assim, uma outra perspectiva de modernidade feminina.

Palavras-chave: Mulher moderna. *Pássaro tonto*. Júlia Lopes de Almeida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Pássaro tonto*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

AREND, Sílvia Favero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2018. p. 65-83.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FACCHINETTI, C.; CARVALHO, C. Loucas ou modernas?. *Cadernos Pagu*, n. 57, p. e195707, 15 dez. 2019.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015. p.61-91.

MALGADI, Ana Maria Bandeira de Mello. Crônica feminina: sobre o lugar da mulher e de sua educação no periódico católico *A Ordem* (anos 1930). In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p.111-126.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.